

INTER/MULTICULTURALIDADE,
RELAÇÕES ÉTNICO-CULTURAIS E
FRONTEIRAS DA EXCLUSÃO

Série Educação Geral, Educação Superior e Formação Continuada do Educador

Editora Executiva

Prof.ª. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unoesc/Unicamp

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP

Prof.ª. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP

Prof.ª. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp

Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar

Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp

Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR

Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC

Prof.ª. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp

Prof.ª. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas

Prof.ª. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp

Prof.ª. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS

Prof.ª. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS

Prof.ª. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI

Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp

Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR

Prof.ª. Dra. Vera Jacob – UFPA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário

Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada

Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aviero

Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Prof.ª. Dra. Maria del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de La Educación/Granada

Prof.ª. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho

Prof.ª. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján

Prof.ª. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata

Prof.ª. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata



ESTA OBRA FOI IMPRESSA EM PAPEL RECICLATO 75% PRÉ-CONSUMO, 25 % PÓS-CONSUMO, A PARTIR DE IMPRESSÕES E TIRAGENS SUSTENTÁVEIS. CUMPRIMOS NOSSO PAPEL NA EDUCAÇÃO E NA PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE.

Adir Casaro Nascimento
José Licínio Backes
(organizadores)

INTER/MULTICULTURALIDADE,
RELAÇÕES ÉTNICO-CULTURAIS E
FRONTEIRAS DA EXCLUSÃO

MERCADO®
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Inter/multiculturalidade, relações étnico-culturais e fronteiras da exclusão / Adir Casaro Nascimento, José Licínio Backes, (organizadores). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2015. – (Série Educação Geral, Educação Superior e Formação Continuada do Educador)

Vários autores.

ISBN 978-85-7591-381-9

1. Afro-brasileiros 2. Diversidade cultural 3. Educação intercultural 4. Exclusão social 5. Multiculturalismo 6. Povos indígenas 7. Professores – Formação I. Nascimento, Adir Casaro. II. Backes, José Licínio. III. Série.

15-08154

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Relações étnico-culturais : Educação 370.71

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

foto: Marina Meirelles Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

OUTUBRO/2015

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 7

capítulo 1

DE-COLONIZAR POSTULADOS OCCIDENTALES
PARA EDUCAR COLABORATIVA Y ALTERNATIVAMENTE
BAJO UNA NUEVA ÓPTICA INTERCULTURAL. 15

Rossana Stella Podestá Siri

capítulo 2

DESARROLLO EDUCATIVO INTERCULTURAL:
FRONTERAS JURÍDICAS E INSTITUCIONALES PERMEADAS,
PERO TRANSICIONES ETNOCULTURALES
Y SOCIOLINGÜÍSTICAS EN JUEGO SOCIAL. 39

Héctor Muñoz Cruz

capítulo 3

INTENCIÓN E INVENCIÓN DE LA ESCRITURA:
CON ESPECIAL REFERENCIA A LOS GUARANÍES. 65

Bartomeu Melià

capítulo 4

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E OS POVOS
INDÍGENAS: AS FRONTEIRAS ENTRE OS SABERES
NA EDUCAÇÃO SUPERIOR INDÍGENA 85

Antônio Hilário Aguilera Urquiza e Adir Casaro Nascimento

capítulo 5	
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: PROCESSOS DE RESISTÊNCIA E DE SUBVERSÃO DO CURRÍCULO HEGEMÔNICO/MONOCULTURAL	111
<i>José Licínio Backes</i>	
capítulo 6	
PODER, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E EXCLUSÃO: DIÁLOGOS ENTRE FOUCAULT E A EDUCAÇÃO INSTITUINTE DE NEGROS NO BRASIL	131
<i>Aloisio Monteiro e Ricardo Tadeu Barbosa</i>	
capítulo 7	
O PROJETO A COR DA CULTURA E O PROTAGONISMO AFRO-BRASILEIRO NAS ESCOLAS DE NOVA IGUAÇU: REVENDO AS FRONTEIRAS DA EXCLUSÃO	159
<i>Ahyas Siss e Ana Paula Cerqueira Fernandes</i>	
capítulo 8	
EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE CULTURAL, DESIGUALDADE E EXCLUSÃO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DA COMPREENSÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO BÁSICA	177
<i>Ruth Pavan</i>	
capítulo 9	
CURRÍCULO MULTICULTURAL E DESAFIO A FRONTEIRAS DE EXCLUSÃO: REFLEXÕES E EXPERIÊNCIAS DE CONSTRUÇÃO DOCENTE COLETIVA.	195
<i>Ana Ivenicki e Giseli Pereli de Moura Xavier</i>	
capítulo 10	
A TRANSCULTURALIDADE COMO ABERTURA À QUINTA DIMENSÃO	211
<i>Jacques Gauthier</i>	
capítulo 11	
FRONTEIRAS DA IDENTIDADE, MEDIAÇÃO INTERCULTURAL E TRÂNSITOS DO SELF.	229
<i>Ricardo Manuel das Neves Vieira e Ana Vieira</i>	
SOBRE OS AUTORES.	259

INTRODUÇÃO

Este livro é resultado de diferentes pesquisas de docentes de universidades estrangeiras (ESECS-IPLeiria, de Portugal, Universidad Autónoma de Puebla, do México, e Instituto Superior de Estudos Humanísticos e Filosóficos, do Paraguai) e brasileiras (UFRRJ, UFRJ, UNIJORGE, UFMS e UCDB). Grande parte dos textos é resultado de pesquisas com financiamento de agências públicas (CNPq e FUNDCT/MS).

Todos os autores têm uma trajetória de pesquisa vinculada aos estudos de grupos humanos que carregam as marcas da exclusão. A exclusão é vista não apenas como produto das relações econômicas, mas também como resultado das relações étnico-raciais, o que, no contexto dos estudos latino-americanos, vem sendo denominado de colonialidade, um padrão de dominação e subalternização produzido em torno das categorias de raça/etnia, por meio do qual os modos de ser, viver, conhecer e conviver dos povos indígenas e afro-brasileiros vêm sistematicamente sendo vistos como inferiores e primitivos, contribuindo para a sua exclusão social.

Diante do contexto de subalternização e estereotipia dos povos indígenas e afro-brasileiros, os estudos inter/multiculturais vêm produzindo um conjunto de conhecimentos que questionam a colonialidade e a imposição do padrão euroamericanocêntrico como superior, único e universal. Além disso, preocupam-se em fortalecer

as lutas, resistências, conhecimentos e modos de ser, viver e conviver dos grupos não-hegemônicos, postulando possibilidades de diálogo, negociações e traduções entre as diferentes culturas e combatendo os processos de exclusão.

Os onze capítulos desta coletânea, ainda que tenham em comum a temática da inter/multiculturalidade, fronteiras étnico-culturais e fronteiras da exclusão, foram organizados em torno de três eixos: o primeiro eixo, formado por quatro capítulos (Siri, Cruz, Melià, Urquiza e Nascimento), tem como ênfase as questões indígenas; o segundo eixo, formado por três capítulos (Backes, Monteiro e Barbosa; Siss e Fernandes), enfatiza a questão afrodescendente; e o terceiro, formado por quatro capítulos (Pavan, Ivenicki e Xavier; Gauthier, Vieira e Vieira), apresenta questões indígenas e afrodescendentes, articuladas com outras diferenças e com a educação na perspectiva da inter/multi/transculturalidade.

No primeiro capítulo, *De-colonizar postulados occidentales para educar colaborativa y alternativamente bajo una nueva óptica intercultural*, Rossana Stella Podestá Siri destaca que, ao longo da vida intelectual, encontramos uma série de experiências e restrições que nos fazem crescer humana e intelectualmente. Nem sempre somos capazes de trabalhar em equipe, ainda que lidemos com muitas teorias sobre o assunto. A autora lembra que uma coisa é aprender cognitivamente sobre metodologias colaborativas, mas muito diferente é estar aberto para reconhecer a diversidade de aprendizagens e sujeitos. Ela traz a experiência desenvolvida desde 2007 com professores indígenas de diferentes povos do México na perspectiva da interculturalidade, em instituições de Educação Superior. Destaca, ainda, que o trabalho desenvolvido nas instituições foi precedido de um longo trabalho junto às comunidades indígenas e que essa aproximação entre comunidades indígenas e universidade continua sendo fundamental para a descolonização dos postulados ocidentais.

No segundo capítulo, *Desarrollo educativo intercultural: fronteras jurídicas e institucionales permeadas, pero transiciones*

etnoculturales y sociolingüísticas en juego social, Héctor Muñoz Cruz argumenta que, no contexto atual, a existência de leis inclusivas que reconhecem a pluralidade criou melhores condições sociais e institucionais para desenvolver-se uma perspectiva intercultural nas escolas. Entretanto, o autor salienta que as transições étnico-culturais e sociolingüísticas não operam apenas com normas jurídicas. Um dos desafios fundamentais da educação intercultural é compreender adequadamente as dinâmicas do bilinguismo social e da comunicação intercultural e as novas configurações identitárias. O autor argumenta que, para o desenvolvimento e fortalecimento da educação intercultural no México, é fundamental que se tornem obrigatórios, em todos os níveis de ensino, a adoção da língua indígena e o desenvolvimento de metodologias e propostas bilíngues e interculturais.

No terceiro capítulo, *Intención e invención de la escritura: con especial referencia a los guaraníes*, Bartomeu Melià desenvolve uma reflexão sobre a intenção da invenção da escrita, com especial referência à invenção da escrita guarani. Salienta que escrever é uma maneira de dizer-se tão pessoal, tão ligada ao nosso corpo, que pode ser confundida com a própria pele. Trata-se de uma máscara para dizer-se aos outros com grande verdade, mesmo que nem sempre ela prevaleça. O autor, de forma muito perspicaz e intensa, traz a questão da escrita a partir de duas perspectivas que se encontram profundamente ligadas: a experiência pessoal de vida e a análise dessa experiência. Trata-se de uma experiência vivida há mais de 30 anos, analisada agora como uma aventura maravilhosa e perigosa: a transição da pré-história sem escrita para a história escrita do povo guarani. Tudo isso intensamente refletido por alguém que convive há mais de 55 anos com os povos guarani.

No quarto capítulo, *Educación intercultural e os povos indígenas: as fronteiras entre os saberes na Educação Superior Indígena*, Antônio Hilário Aguilera Urquiza e Adir Casaro Nascimento traçam algumas reflexões acerca da temática dos povos indígenas e sua interface com a educação intercultural, a

partir da realidade da Educação Superior. Mostram que há tempos os indígenas acessam crescentemente as universidades, fenômeno que desencadeia inúmeras consequências em termos de políticas públicas, exercício da prática intercultural e revisões metodológicas e epistemológicas do modelo eurocêntrico de universidade. Mais especificamente, os autores trazem a realidade dos povos indígenas de Mato Grosso do Sul, em particular, a situação dos estudantes indígenas nas Instituições de Ensino Superior do estado, as relações de saberes e os direitos básicos dessas sociedades. Trata-se de estudo reflexivo e teórico, tendo por base experiências no trabalho com povos indígenas, considerando o acesso e permanência na Universidade como um direito à diversidade cultural.

No quinto capítulo, *Relações étnico-raciais na educação superior: processos de resistência e de subversão do currículo hegemônico/monocultural*, José Licínio Backes mostra como a presença de universitários negros organizados em torno de um projeto coletivo introduz novas questões para o currículo. Os acadêmicos negros questionam o mito da democracia racial, os processos de discriminação sutil e camuflada que circulam nos espaços acadêmicos e a ausência da história e cultura africanas. Agindo dessa forma, ainda que o currículo seja marcadamente monocultural, a presença ativa de acadêmicos negros vai forjando outro currículo: um currículo menos etnocêntrico, portanto, um currículo que acolhe as diferenças. O autor aponta que é preciso dar mais ênfase à formação inter/multicultural dos professores para que o currículo hegemônico seja modificado, pois, sendo o professor um efeito do contexto que o produz, para que tenha condições de mudar, é urgente mudar o contexto que produz o professor, incluindo o contexto de sua formação inicial e continuada.

No sexto capítulo, *Poder, relações étnico-raciais e exclusão: diálogos entre Foucault e a educação instituinte de negros no Brasil*, Aloisio Monteiro, em coautoria com Ricardo Tadeu Barbosa, traz o pensamento de Michel Foucault para analisar as relações raciais no Brasil. Os autores mostram como a escravidão foi um produto da modernidade e como os saberes modernos produziram

o continente africano e seus povos como hostis, sem história, sem cultura, incivilizados e atrasados. O capítulo aponta também a luta e a resistência dos povos negros no Brasil, com destaque para os quilombos. Os autores argumentam que esses processos históricos e culturais produziram uma complexidade de relações raciais no Brasil, em que a subalternidade, a violência e a exclusão social são marcas contra as quais os negros continuam lutando, desconstruindo o imaginário social racista. Nesse sentido, Monteiro e Barbosa destacam a aprovação da Lei 10.639/2003, resultado da luta do movimento negro que contribui para uma educação não pautada exclusivamente pela cultura ocidental, incluindo a cultura e a história africanas.

No sétimo capítulo, *O projeto cor da cultura e o protagonismo afro-brasileiro nas escolas de Nova Iguaçu: revendo as fronteiras da exclusão*, Ahyas Siss e Ana Paula Cerqueira Fernandes apontam a possibilidade de pensar uma formação inicial e continuada de professores que contribua para diminuir os processos de exclusão. O texto mostra que, no contexto brasileiro, a exclusão e a desigualdade sempre tiveram uma forte conotação racial. Ao trazerem a análise da experiência desenvolvida no município de Nova Iguaçu, mais especificamente o Projeto Cor da Cultura, os autores mostram, por meio de uma proposta educacional que também contempla a formação de professores, que a educação escolar, ainda que não seja a única responsável pela exclusão e reprodução das desigualdades, tampouco a única solução para o seu combate, pode contribuir significativamente para a desconstrução das relações classistas, racistas e sexistas e, por conseguinte, para combater os processos de exclusão.

No oitavo capítulo, *Educação, diversidade cultural, desigualdade e exclusão: uma análise crítica da compreensão dos professores de Educação Básica*, Ruth Pavan, seguindo a teoria crítica, analisa as relações entre desigualdade, diversidade e exclusão. Argumenta que a desigualdade e a exclusão são resultado das relações sociais assimétricas e desiguais de poder, e não provocadas pelo próprio indivíduo. Além disso, critica a estratégia de utilizar a diversidade cultural para atribuir aos indivíduos os infortúnios e

responsabilizá-los pelas mazelas socialmente produzidas pela lógica da sociedade capitalista. A autora traz também os resultados de uma pesquisa realizada por ela, junto a professores de educação básica, que mostra que a exclusão e a desigualdade, quando percebidas pelos professores, não se referem apenas à questão econômica, mas também à questão racial, crença, geração, gênero e outros. Pavan também aponta que a formação docente incluiu a discussão da desigualdade apenas na década de 1980 e só bem recentemente a questão da diversidade cultural e exclusão. Nesse sentido, sugere qualificar o processo de formação docente, enfatizando a análise crítica da exclusão e da desigualdade, bem como contemplando o debate inter/multicultural crítico da diversidade cultural.

No nono capítulo, *Currículo multicultural e desafio a fronteiras de exclusão: reflexões e experiências de construção docente coletiva*, Ana Ivenicki e Giseli Pereli de Moura Xavier argumentam em favor da construção coletiva de um currículo multicultural. Segundo as autoras, um currículo multicultural desafia cotidianamente os preconceitos e a exclusão. As autoras fazem uma interessante discussão sobre as diferentes formas de entender o multiculturalismo, trazendo as contribuições de Freire, Candau, McLaren, Moreira, Walsh e Banks, entre outros. O texto também descreve os desafios de uma experiência desenvolvida pelas autoras, em parceria com um município do Rio de Janeiro, para a construção de referenciais curriculares municipais multiculturalmente orientados. As autoras lembram que a construção de referenciais curriculares multiculturais não se dá fora das relações de poder, portanto, é um processo de luta e embate que contribui para combater os preconceitos e os processos de exclusão.

No décimo capítulo, *A transculturalidade como abertura à quinta dimensão*, Jacques Gauthier argumenta que o multiculturalismo foi importante para dar visibilidade aos conhecimentos proibidos e desvalorizados pelo projeto colonizador, isto é, os conhecimentos ameríndios e africanos. Da mesma forma, a interculturalidade crítica também tem sido importante para a afirmação das culturas nativas e coloca em xeque os poderes e

opressões instituídas pela cultura dominante. Como mostra o autor, existe também a transculturalidade, umbilicalmente ligada às forças da natureza e à espiritualidade e presente, sobretudo, nos povos indígenas e africanos. O autor aposta na possibilidade de construção de uma ciência que recorre a “intuicetos”, uma mistura de intuições e conceitos, por meio dos quais as pesquisas transculturais produzem devires inesperados com uma fecundidade ímpar e uma humanidade descolonizadora e descolonizada de si.

No décimo primeiro capítulo, *Fronteiras da identidade, mediação intercultural e trânsitos do self*, Ricardo Vieira e Ana Vieira mostram como os seres humanos são classificadores e estabelecem distinções, produzindo inclusões e exclusões. Esses processos de classificação muitas vezes, e especialmente na ótica dos grupos hegemônicos, produzem a negação e a desvalorização do outro. Porém, é possível produzir outras formas de relação entre os grupos humanos, em que os conflitos e tensões sejam negociados. Para tanto, no processo educativo, o professor deve ser um mediador para construir pontes entre as fronteiras culturais. O professor pode ser um facilitador e um incentivador dos encontros entre culturas e sujeitos diferentes. Ele pode ser um tradutor cultural de tal modo que, como humanos, aprendamos desde cedo a conviver em comum, sem apagar, negar e inferiorizar as diferenças, sem negar as tensões e conflitos, aprendendo a viver interculturalmente.

Esperamos que a leitura dos capítulos contribua para a reflexão e a construção de um mundo onde a exclusão seja permanentemente combatida e as relações étnico-culturais se deem na lógica da inter/multiculturalidade. Enfim, esperamos que contribua para vivermos no contexto atual, sem excluir, discriminar, estereotipar e, principalmente, sem (re)produzir desigualdades sociais.

Adir Casaro Nascimento
José Licínio Backes
(organizadores)

